

O Potiguar

Ano VIII

Nº 43

Junho/Julho 2005

Distribuição Gratuita



OS HOLANDESES NO SERIDÔ

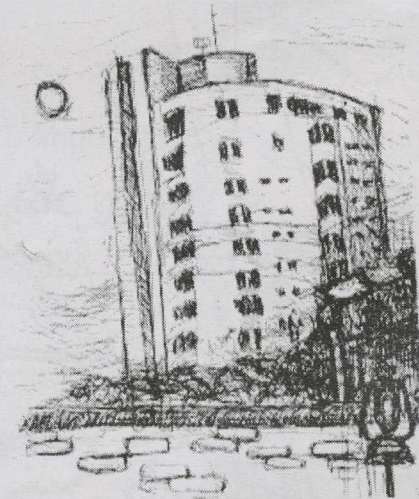
O eterno vigilante do Grande Ponto

Toda acumulação desigual do tempo em uma cidade deixa símbolos impressos na paisagem e o Hotel Ducal é nosso majestoso representante de uma época que desejou-se o resgate da identidade do povo de Natal, representada no "Grande Ponto".

Em frente a praça da Imprensa, hoje praça Kennedy, repousava o esquecido palacete de propriedade de Ângelo Roseli, que logo cederia seu abafado apelo neoclássico para o alvoroço da modernidade de nome "HOTEL MONTE LÍBANO". Esta aventura imobiliária começa em 1971, empreendida por Alcides Araújo, proprietário da rede de magazines Rio Center, juntamente com um grupo de empresários libaneses. Ainda em construção o futuro hotel é vendido em 1974 para a União de Empresas Brasileiras (UEB), cujo vice-presidente era Aluízio Alves (ex-governador do Estado). Neste período da sua história o logradouro passa a chamar-se DUCAL PALACE HOTEL. Finalmente, com cerimônia festiva, é inaugurado o empreendimento de 18 andares e

formato tubular em 05 de novembro de 1976.

Sua "Belle Epoque" é curta mas fecunda, inspirando a construção



de outros empreendimentos do ramo como o Hotel Natal e Hotel Jaraguá, ambos no centro da cidade. O Hotel Ducal entra em decadência no início da década de 80, com a construção da Via Costeira e do complexo de hotéis a beira-mar, sendo vendido para a rede de hotelaria LUXOR CONTINENTAL. Nesta fase destaca-se como espaço cultural, onde os shows com música ao vivo edi-

ficavam a resistência da vida boêmia do Grande Ponto. Também, capitaneado pelo uniforme do recepcionista poliglota Brás, os clientes eram encaminhados até a cobertura onde funcionava a boite Vogue e a disputada "performance" da dançarina Pequena.

Atualmente, abriga após uma restauração total as secretarias municipais de educação e saúde, bem como as assessorias de imprensa e jurídica da prefeitura do Natal. É de propriedade da empresa IMPELE (produtora de couros e peles para exportação), sediada no município de São Gonçalo do Amarante/RN.

Sua presença no meio de uma cidade verticalizada se destaca fazendo parte do imaginário afetivo dos habitantes da cidade do Natal que o chamam carinhosamente de Ducal. Conseguiu escapar da violência do mercado e sua história justifica a máxima das sociedades capitalistas que modificam a geografia sem a menor generosidade com a sua própria história.

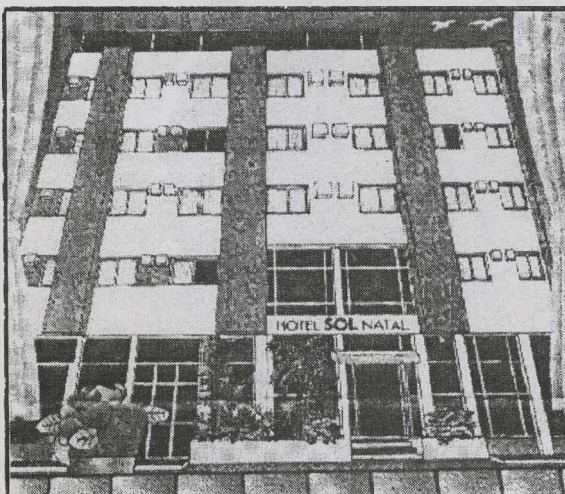
Franklin Serrão

EXPEDIENTE

- | | |
|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| - Diretor -
João Gothardo D. Emerenciano | - Programação Visual -
J. M. Vieira |
| - Editor -
Moura Neto | - Capa -
Vieira |
| - Revisão -
João Gothardo D. Emerenciano
Giuliano Emerenciano Ginani | - Gerente Comercial -
Carlos Frederico Câmara
- Impressão -
Gráfica Nordeste |

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tiroi - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.



HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

DIÁRIA CASAL R\$ 50,00
DIÁRIA SOLTEIRO R\$ 40,00

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - Pabx: (84) 3211-1154
TLX: (84.2464) - FAX: (84) 3221-1157 - Natal-Brasil

O sonho não acabou

*“À Índia fui em férias passear
Tornar realidade um sonho meu...”*

A música chamava-se “Férias na Índia”. Gravada por Nilton Cézar, era sucesso em todo o Brasil.

O local era uma “Casa de Drink’s”, escondida numa rua qualquer de Morro Branco, naquela época, um bairro ainda pouco habitado, cheio de verde e com a quase totalidade de suas ruas por asfaltar.

No aposento principal da boate Zeni (Inez de trás para frente, em homenagem à dona do beréu), uma sala transformada em dancing, havia um conjunto tocando. Algumas mulheres sumariamente vestidas, transitavam pelo ambiente jogando piscadelas à torto e a direito, meio escondidas na penumbra do local mal iluminado. Dois casais dançavam de rosto colado e, ao redor do dancing, havia algumas mesas espalhadas ocupadas por rapazes solitários, casais trocando carícias, ou simplesmente “mariposas” esperando a abordagem de um dos rapazes que se encontravam desacompanhados no recinto.

O conjunto “Apaches” fazia a festa, com os seus componentes espremidos no meio de um instrumental acanhado. À frente do conjunto, eu comandava o “show”. Sim, eu, Fernando Luiz, católico fervoroso, filho único e esperança maior da minha mãe parteira, menino pródigo chegado recentemente da cidade de Nova Cruz, com pretensões de ser um grande artista, fazia a minha estréia como crooner de conjunto... na zona.

Aparentemente, eu havia tido muita sorte, pois morando em Natal há menos de três meses, já havia sido contratado para fazer parte de um dos maiores grupos musicais daquela época, no Rio Grande do Norte. Mas, além da sorte, eu havia obtido algumas conquistas que



facilitaram as coisas pra mim.

Durante os anos em que morei em Nova Cruz, eu passava minhas férias em Natal. Nestas ocasiões, além da sensação de liberdade que eu sentia, só três coisas me interessavam: ir aos domingos à Praia do Meio, assistir aos filmes em Cinemascope no Cine Rex e me apresentar na Sabatina da Alegria.

Em junho de 1965, aos 13 anos de idade, eu ganhei o primeiro lugar na “Sabatina da Alegria” programa de calouros que havia aos domingos, e era apresentado por Rui Ricardo, no auditório do Cine São Luiz, no Alecrim, cantando uma versão gravada por Agnaldo Timóteo da música Aline, sucesso do cantor Christophe. Eu já havia ganho outros prêmios em Nova Cruz, como uma caneta Compactor (presente de Valdemar Ferreira, diretor social do Comercial Atlético Club) e um pacote de Fubá, durante uma apresentação que eu fizera no Circo Mágico Nelson, em meados de 1963, em um concurso de calouros, quando conquistei o segundo lugar cantando “A cabeleira do Zezé”. Mas aquela conquista de 1965 na Sabatina da Alegria, foi muito importante para mim. Além do mais, o programa era transmitido pela rádio Nordeste, o que significava,

que minha voz, pela primeira vez, era ouvida em quase todo o Estado. Orgulhoso, quando viajei de volta para Nova Cruz eu estava vestindo a camisa azul de mangas curtas, que a “Girafa Tecidos” me dera de presente pela conquista do primeiro lugar. Aliás, depois da primeira lavagem, a camisa se metamorfoseou em branca...

Em 1969, vim morar em Natal para concluir meus estudos e passei a fazer parte do cast do programa de Rui Ricardo, ao lado de Neirivam Lopes, Vandois Soares, Tony Rocha, Eros

Roberto e outros. A Sabatina da Alegria já não era mais apresentado no Cine São Luiz, e sim no auditório dos Diários Associados, na Avenida Deodoro com transmissão pela Rádio Poti.

Em abril daquele ano, João de Orestes convidou-me para fazer parte dos Apaches, (substituindo André Silva, que havia ido embora para o Rio de Janeiro) naquela tarde, no final de maio de 1969, eu fazia, naquele cabaré de Morro Branco, a minha estréia como crooner.

A década mais explosiva do século passado estava no crepúsculo. Algum tempo depois, Jonh Lennon, o beatle inesquecível, declararia o fim do sonho daquela geração. Mas eu carrego comigo até hoje as lembranças daquela época, dentre as quais ainda estão bem vivas o desbotado de uma camisa barata e o dourado da luz negra de uma casa de drinks, que me ajudaram a escrever as primeiras páginas da minha história de artista popular.

Que me perdoe, Lennon, mas para os jovens daquela época, muitos dos quais hoje são pais de jovens que não têm com que sonhar, o sonho não acabou.

*Fernando Luiz**

*Cantor e Compositor

Ordenamento urbano nos anos 30



Praça Leão XIII na década de 30.

A época em que o Rio Grande do Norte era governado pelo Interventor Dr. Rafael Fernandes Gurjão, algumas praças da cidade do Natal sofreram mudanças para facilitar as vias de acesso de veículos.

Em outubro de 1935, o Engenheiro Gentil Ferreira de Souza foi convidado pelo Interventor Rafael Gurjão para assumir a prefeitura da cidade, cargo que o experiente *burgomestre* já havia exercido entre junho de 1930 a junho de 1931. Ao assumir o governo da cidade, o chefe da municipalidade natalense tornou emblemático o período de sua administração pela realização de obras como o Mercado Público da Cidade Alta (hoje localizado o Banco do Brasil); a construção do novo Matadouro, retirando a matança anti-higiênica que existia na Rua da Misericórdia; Inauguração em 11 de julho de 1936 da Praça Carlos Gomes, e tantas outras obras que testemunham esta gestão que transformou a cidade do Natal em

um local agradável para se viver.

Perecendo que o número de veículos já estavam provocando congestionamento na cidade do Natal, Gentil Ferreira procurou encetar algumas obras que permitisse facilitar o tráfego, abrindo ruas e avenidas; alargando outras, em parte ou totalmente, ao mesmo tempo em que algumas praças foram reduzidas para permitir o surgimento de ruas. A *Praça Pedro Velho*, que ocupava uma grande área, foi reduzida em 1936, criando-se duas partes separadas por uma artéria para o acesso de veículos. Esta artéria, criada através do Ato nº 35, do Prefeito Gentil Ferreira, foi identificada no Ato como "Nova Rua". As duas partes da praça dividida tiveram a seguinte destinação. Uma foi reservada para a construção de residências. A outra foi ajardinada com quadras esportivas separadas por uma construção onde se localizava um bar e sorveteria conhecido por "avião", além de um parque infantil com ape-

trechos para exercícios e diversões. A praça passou a ser o local preferido para a realização de retretas e festas públicas. A *Praça Augusto Severo*, foi reduzida no ano de 1937, em sua parte central, quando foi aberta uma passagem para carro, ligando a Av. Junqueira Aires com a Av. Duque de Caxias. Na mesma oportunidade, foi realizado o alargamento da rua Juvino Barreto, permitindo o acesso entre a Ribeira e a Cidade Alta, descongestionando assim o fluxo dos automóveis que diariamente ali trafegavam. A *Praça Leão XIII*, teve a sua denominação transformada em *José da Penha*, através do Ato nº 5, do Prefeito Interino Pedro Dias. Esta praça sofreu diminuição de sua área após a construção do Grande Hotel que se localizava a sua frente, o qual foi inaugurado em 13 de maio de 1939. A redução foi de fundamental importância, por permitir o prolongamento a Av. Tavares de Lira, até a Av. Rio Branco, facilitando assim o fluxo de caminhões e automóveis naquela artéria. Nesta praça existia uma bomba de gasolina da "Atlantique" inaugurada pela firma M. Martins & Cia..

Estas mudanças nas praças de Natal, ocorridas na segunda metade dos anos 30, trouxeram, além da transformação visual da cidade, um grande avanço no seu desenvolvimento pela supressão dos obstáculos que impediam a locomoção dos veículos existentes, facilitando assim o fluxo dos automóveis e outros meios de transportes utilizados na época, fazendo com que a cidade caminhasse mais rápida através desses acessos, os quais são utilizados até os dias de hoje.

Manoel Procópio de Moura Júnior



Ensino que amplia horizontes.

Turmas do intensivo

Informações:

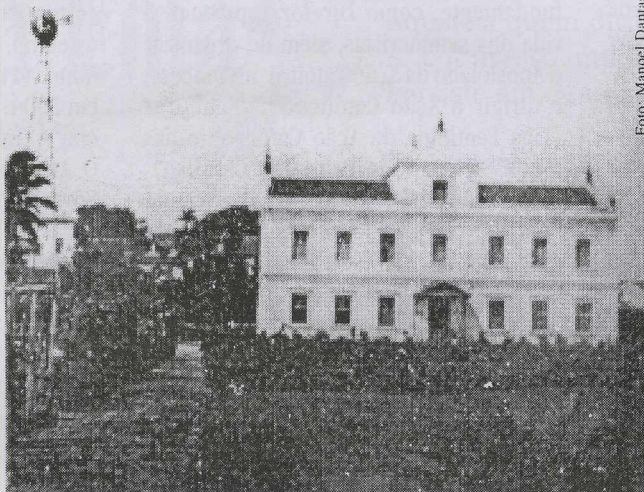
3211-6607

Juvino Barreto, "pai dos pobres"

O industrial Juvino César Paes Barreto, nascido em Aliança – (PE), aos 2 de fevereiro de 1847, filho de César Paes Barreto, insurgente da Revolução Praieira de 1848, de caráter republicano, foi um modelo de apóstolo servindo à terra que o acolheu distribuindo suas benesses na mais ampla caridade.

Juvino era conhecido em Natal, como o "pai dos pobres", devido ao seu caráter humanitário e caritativo. Além de grande industrial; foi ele Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, pelos valiosos serviços prestados à causa abolicionista. Ele também foi participante da sociedade anti-escravagista, conhecida como o Clube do Cupim, tendo também feito parte da tradicional Guarda Nacional.

Aos 24 de maio de 1886, Juvino Barreto lançou a primeira pedra de sua fábrica de tecidos, em cerimônia presidida pelo então presidente da província, José Moreira Alves da Silva. A fábrica foi inaugurada em 21 de julho de 1888, com a presença do presidente provincial, Antônio Francisco Pereira de Carvalho.



Residência de Juvino Barreto.

Planejador vitorioso, Juvino Barreto introduziu em Natal a primeira máquina Lowell. Dispondo de 8.000 m² para a implantação de sua fábrica, situada no começo da ladeira da então Rua da Cruz, hoje Junqueira Aires, Juvino Barreto trouxe da Inglaterra a tecnologia e as máquinas mais modernas da época. Fabricava quatro tipos de tecidos grossos, beneficiando o algodão proveniente do interior da Província.

O palacete residencial de Juvino Barreto foi construído no século passado ao lado da rua oposta à fábrica, dentro de um imenso sítio, que abrangia todo um quarteirão, uma propriedade bem cuidada, com pomar, cachoeiras, cacimba (chamada cacimba de

São Tome), além de outras dependências, tudo envolvido por uma paisagem exuberante, constituída de frondosas mangueiras e pontilhada de belas palmeiras imperiais.

Casado com D. Inês Paes Barreto, Juvino Barreto doou, em vida, conjuntamente com a esposa, a casa com todas as benfeitorias existentes no sítio para a Congregação dos Salesianos.

Após o falecimento de Juvino Barreto em 9 de abril de 1901 e sua esposa em 5 de agosto de 1932, os Salesianos tomaram posse do sítio em 26 de Setembro 1936, convertendo assim a tradicional residência de Juvino Barreto em Colégio Salesiano São José, um dos mais tradicionais colégios de Natal, constituído de relevante interesse histórico e arquitetônico.

Fonte: RIO GRANDE DO NORTE. Fundação José Augusto. Processo de tombamento. n. 259/91, 11 mar., 1993. Residência de Juvino Barreto – Colégio Salesiano São José.

Clediane de Araújo Guedes



SALESIANO

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530
Fone: (84) 3211-4220 - Fax: (84) 3222-3560

Centenário de nascimento do padre Monte

Frudito, sábio, “santo”, autodidata, “um lutador intelectual”, nas palavras de um dos seus biógrafos, o escritor Jurandyr Navarro, Luiz Gonzaga do Monte, conseguiu dominar os vários campos do conhecimento humano, destacando-se, sobretudo, nas letras e nas diversas ciências, como Matemática, Física, Química, Geologia, Mineralogia, Biologia, Antropologia, Psicologia, Psicanálise, História; versando sobre Literatura Universal, Sexologia, Religião, Medicina, Direito Criminal, Mitologia, Línguas, Poesia. Nascido em Vitória de Santo Antão, no Estado de Pernambuco, no dia 03 de janeiro de 1905, ainda pequeno, com os seus pais Pedro Alexandre do Monte e Belarmina Ferreira Monte, transferiu-se para a capital da Paraíba, onde frequentou as primeiras letras; depois, em 1914, para o lugarejo Recanto, no município de Currais Novos, estado do Rio Grande do Norte e, finalmente, em 1917, para Natal, a capital do Estado. No ano seguinte, aluno do Colégio Santo Antônio, ingressou, como um dos fundadores, na Congregação Mariana e, com a criação do Seminário de São Pedro, por Dom Antônio dos Santos Cabral, 2º Bispo de Natal, em 1919, matriculou-se na primeira turma, fazendo o Curso Preparatório, Filosofia e Teologia. Ordenado no dia 18 de setembro de 1927, na Catedral Metropolitana, sendo ordenante o 3º Bispo de Natal, Dom José Pereira Alves, na Diocese, exerceu a função de Capelão do Colégio Imaculada Conceição, do Colégio Marista e da Igreja do Rosário; Vigário-Coadjuvante da Catedral; Secretário do Bispado; Redator-Secretário e Secretário Geral do “Diário de Natal”; e Diretor Espiritual do Seminário de São Pedro. Ainda, lecionou no Colégio Diocesano Santo Antônio; no Seminário de São Pedro; no Atheneu Norte-rio-grandense; e na

Escola de Comércio. Homem dotado de profunda espiritualidade marcou, profundamente, como Diretor Espiritual, a vida dos seminaristas, além de organizar o Apostolado da Ação Católica, na Diocese, e dirigir a Ação Católica das Senhoras (Liga Feminina de Ação Católica) e das Moças (Juventude Feminina Católica), tornou-se o Assistente Geral. Grande latinista, conhecedor do hebraico e do grego, em 1933, escreveu “O livro das teses latinas”, constando “Lexiologia e



Sematologia”, tese sorteada para Catequético da Cadeira de Latim, do Atheneu norte-rio-grandense; e a 2ª tese, “Valor Quantitativo da Preposição - A - Ab - Abs”, de livre escolha; “Fundamentos Biológicos da Castidade”, publicado em 1945; “Compêndio de Biologia”, 1935; e “O Livro das Revisões” (manuscrito). O Escritor Jurandyr Navarro organizou a produção dispersa do Padre Monte, em “Antologia do Padre Monte”, já em nove volumes, sendo o primeiro publicado em 1976; o segundo, em 1978; o terceiro: “O livro das teses latinas”, em 1979; o

quarto, em 1982; o quinto: “Fundamentos Biológicos da Castidade”, em 1985; o sexto: “Compêndio de Biologia”, em 1984; o sétimo, em 1996; o oitavo, em 2001; e o nono: (Polêmicas - A Igreja Apologética), em 2004. O Padre Monte, publicou artigos em “A Ordem”, Revista do Nordeste, SOM, O Atheneu; Diário de Natal, A Verdade; Correio Paroquial, de Caicó; O Estudante. Para “Leão do Norte”, pseudônimo do Padre Luiz Teixeira, primeiro biógrafo, o Padre Monte foi o “Anjo de Natal”; confirmando a expressão o Cônego Jorge O’Grady Paiva: “Ele o é. E quanta harmonia e evocação nesses dois vocábulos!”. Conhecedor de nove idiomas, íntimo dos clássicos, revelou-se mais como orador sacro e conferencista. Membro-fundador e autor do lema “Ad lucem versus” da Academia Norte-rio-grandense de Letras, 1936, escolheu como patrono o Cônego Leão Fernandes; e em 1941, recebeu o título de Cônego Honorário da Igreja Catedral de São Luiz do Maranhão. Simples e modesto, a todos encantava, mas sua fraca complexão física e o trabalho intenso, no início de 1944, fizeram

no sentir os primeiros sintomas do mal da tuberculose. Internando-se, no dia 26 de janeiro, no Sanatório Getúlio Vargas, veio a falecer no dia 28 de fevereiro, com apenas 39 anos de idade. Repousam os seus restos mortais no Cemitério do Alecrim, na Cidade do Natal, por ser ele, nas palavras do Cônego O’Grady, “um enamorado da cidade, das suas dunas e das suas praias, dos seus bairros e da sua gente. Natal não lhe deu o berço, mas deu-lhe a cátedra, o altar e o túmulo. A dádiva foi recíproca. Monte deu à cidade as luzes da sua inteligência, as riquezas da sua bondade e o calor do seu afeto”.

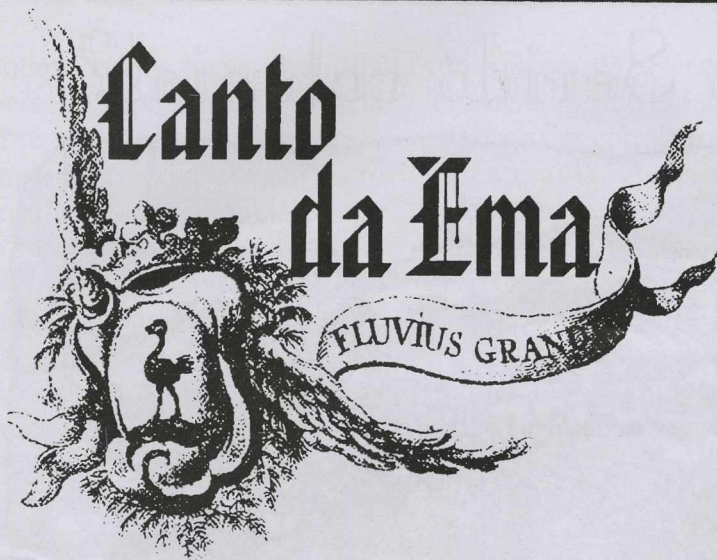
Francisco Fernandes Marinho





Educando em terras potiguaras.

www.marista-natal.com.br
marista@marista-natal.com.br
Tel: (84) 4009-5000



Canto da Ema

A caminho do céu

Em memória do Cônego Luiz Monte, ex-diretor da "Juventude Feminina Católica"

Manhã de sol. Ao longe, o campanário
Convocava os fiéis... E, nesse instante,
Ele, da Fé um forte legionário,
Preso ao grilhão da dor mais cruciante!

Olhou, pela janela, o céu distante,
- Parecia-lhe um lindo santuário -
Ergueu, então, o braço, suplicante,
E entrou a caminhar para o calvário.

Partiu. Extenso rasto luminoso
Ligou a terra ao céu. Embevecida,
A alma subia para o eterno gozo.

- Era a luz dominante da Virtude,
Acompanhando o apóstolo, que, em vida,
Serviu a Deus guiando a juventude.

Antônio Soares

Percalço

Embora, infelizmente, não te escute
Aquele a quem diriges cada rima
E, por avesso impulso, te refute,
Persiste em demonstrar paterna estima!

Se o conselho, afinal, não repercute,
Mesmo que o sacrifício não redima,
O coração de pai se esforce e lute
Para evitar surpresas que lastima.

Porém, sendo debalde a tua voz,
Espera recompensa vir após
O torvelinho dessa fase rude!

O tempo, sem castigo, sem alarde,
Traga arrependimento, cedo ou tarde,
Mostre os escombros dessa juventude.

Natal, 07.10.1981

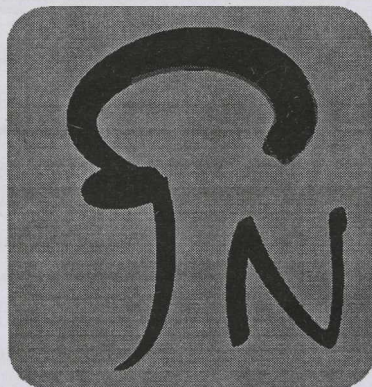
João Evangelista Emerenciano (Filho)

Heráclito ao telefone

Na translação do tempo
A metamorfose do meu cérebro
Refaz os estilhaços do antes
Passando sob a ponte
Transpondo o rio do agora
Chegando a lugar nenhum

O marco final do espaço
Limita a fronteira do ser
Que sem medida de compasso
Só o poeta pode saber

Hudson Paulo Costa



Rua Marcílio Furtado, 2042 - Lagoa Nova - CEP 59063-360 - Natal / RN
Fone: (84) 3206-5181 - E-mail: marcoslima@digi.com.br

Neuromed

Clínica de Neurologia de Natal

Holandeses no Seridó colonial?



Gustavo Barroso, escritor cearense, referindo-se à presença de homens alourados, fortes, de olhos azúis, e de crianças louras de inquietos olhos cor de safira, encontrados no interior do Ceará, atribui a ocorrência ao cruzamento entre flamengos e aborígenes (tapuias), à época em que aqueles dominaram o Nordeste (1630 – 1654).

Teria ocorrido o mesmo na Capitania do Rio Grande? Tavares de Lyra, notável historiador norte-rio-grandense, assim o afirma: “Em 1654, ao ser restaurado o domínio português na capitania, os tapuias, que, em grande número, se haviam transferido para as vizinhanças do litoral, recuaram, receosos de vinditas, para seus antigos pousos, juntamente com centenas de vencidos, impossibilitados de regressar à Europa por falta de embarcações: no porto de Natal se encontravam apenas na ocasião uma caravela e uma barçaça em que fugiu a guarnição da fortaleza, entregando aos azares do destino os moradores holandeses, suas mulheres e filhos. Estes moradores holandeses e

aqueles índios, em grandes levas, se fixaram em vários pontos dos sertões, à espera de auxílios que pediram e nunca vieram da Holanda”.¹

Os velhos moradores da região do Seridó, sempre insistiram na tradição oral que aponta a presença de holandeses naquela região e que teriam deixado grande descendência no Seridó. Examinando-se as árvores genealógicas das famílias locais, não encontramos tais antepassados holandeses...

Todavia, a seguir, trataremos de certas ocorrências que talvez venham a fornecer indícios sobre aqueles perdidos flamengos do Seridó.

João Fernandes Vieira, figura muito ligada à Guerra Holandesa, dirigiu uma carta ao Rei de Portugal, escrita em Pernambuco a 26 de abril de 1674, à qual fez juntar uma “Memória”, em que figura uma informação que nos dá conta de ter ele descoberto terras ignotas no Rio Grande, “200 léguas da orelha do mar”, na região do rio Assu. João Fernandes Vieira sujeitou quantidade de bárbaros à obediência e recebeu a visita de

doze principais daquelas nações. Eram eles tapuias Janduís, descritos por Fernandes Vieira como sendo “aqueles que fizeram maior dano, no tempo dos holandeses”. Os tapuias receberam vestimentas e um bom trato, tendo prometido a Fernandes Vieira “grandes cousas”.

Na mesma “Memória”, Fernandes Vieira sugeria ao Rei introduzir missões religiosas junto àquela gentildade, cujo encarregado seria o padre João Duarte Sacramento, ministro da Congregação do Oratório, “varão com demonstrações de santidade pública o qual anda já neste santo exercício, porque só ele fará e a sua gente com que todos estes povos se darão por muito satisfeitos”.² O padre João Duarte Sacramento já estivera no Assu, em 1661, onde “trabalhou para aldear os tapuias Janduís”.³

Em outra carta, de Pernambuco 26 de junho de 1675, também dirigida ao Rei, Fernandes Vieira informava que à distância de 6 ou 7 dias de caminho, partindo-se daquela aldeia dos Janduís (hoje, a região correspondente à cidade norte-rio-grandense do Assu), existiam dois rios, “que correm para

o poente em os quais dizem há haveres de importância". Ali vivia "gente que tinham os calções e mangas apertados e que era gente branca, que sendo como eles dizem, não podem ser senão castelhanos".⁴

Na antiga Capitania do Rio Grande, Fernandes Vieira obteve datas e sesmarias. Em 24 de junho de 1666, obteve do Governo do Rio Grande (Valentim Tavares Cabral, capitão-mor), dez léguas de terra ao longo do litoral, do rio Ceará Mirim do Porto de Touros, com outras dez léguas para o sertão.⁵ Em 5 de janeiro de 1680, o capitão-mor do Rio Grande, Geraldo de Suny, concedeu a Fernandes Vieira terras compreendidas entre os três rios chamados Três Irmãos (o rio Assu), estendendo-se, para o sertão, até a lagoa do Açú (Piató), data que compreendia a ribeira do Baixo Assu.⁶

Quanto àqueles dois rios "que correm para o poente", mencionados por Fernandes Vieira, e que distavam seis ou sete jornadas do local de morada dos indígenas, tudo indica serem os rios Acauã e Seridó, afluentes do rio Piranhas (que, mais abaixo, toma o nome de Assu).

Ali morava aquela gente "que tinham os calções e mangas apertados e que era gente branca", possivelmente remanescentes flamengos, ali moradores desde o final da Guerra Holandesa.

No ano de 1676, a região do Seridó era habitada pelos tapuias Tarairiús, representados pelas tribos Janduí, Canindé e Ariú, ou Pega. Incidentalmente, aqueles tapuias haviam sido aliados dos holandeses, à época em que estes senhoreavam o Nordeste brasileiro. Em 1679, Luís de Sousa Furna e outros requerentes, todos ligados ao Engenho Cunhaú, obtiveram um total de 20 léguas de terra, com a largura de 4, duas para cada banda do mesmo rio Acauã. No ano de 1683 já fora construída uma casa forte, conhecida como Casa Forte do Cuó, do Acauã ou do Seridó. Fora a mesma edificada em

conseqüência de haver eclodido um levante do gentio tapuia, contra a presença dos curraleiros no sertão da capitania. A casa forte foi construída no sítio, hoje conhecido como Penedo, nas proximidades do Poço de Santana, na atual cidade de Caicó. À época, o rio Acauã (chamado pelos tapuias de Queiquó) era considerado o principal, sendo o Seridó um seu mero afluente.⁷

No dia 9 de setembro de 1683 ocorreu um episódio interessante: um certo holandês, "a mando de Sua Majestade", chefiando outros compatriotas, chegou à casa forte do Seridó, vindo das "bandas do carrasco, seguindo pelo rio Açú". Os referidos holandeses haviam travado um combate na Serrota do Giz (hoje, Serra do Forte, em Carnaúba dos Dantas – RN), no qual mataram 21 indígenas Potiguares, que os estavam espreitando naquela serrota.⁸

Ao que tudo indica, concluída a Guerra Holandesa, alguns holandeses ficaram pelos sertões

norte-rio-grandenses, não tendo tido a oportunidade de regressarem à pátria. É possível que os mesmos tenham ficado em companhia dos tapuias, aderindo posteriormente aos portugueses, quando estes começaram a obter datas e sesmarias no sertão.

O autor holandês Zacharias Wagner informa que as mamelucas (filhas de branco e indígena), eram dotadas de grande vigor físico, causado pelo efeito da heterose ou mistura racial. À época do domínio holandês, as mamelucas eram as preferidas para esposas e concubinas...

É possível que os curraleiros ao chegarem ao Seridó, tenham encontrado tais mestiças de holandeses e indígenas tapuias, com elas se amancebando, ou mesmo casando. Batizada a moça, receberia ela um nome português. Surgiriam então as primeiras famílias genuinamente seridoenses...

Olavo de Medeiros Filho

1 TAVARES DE LYRA, A. *Sinopse Histórica da Capitania do Rio Grande do Norte*, pp. 31-32 – Separata do II Volume dos "Anais do IV Congresso de História Nacional". Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

2 GONSALVES DE MELLO, José Antonio. *João Fernandes Vieira: Mestre de Campo do Terço de Infantaria de Pernambuco*, p. 374. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000.

3 NOTÍCIA QUE DÃO OS PADRES DA CONGREGAÇÃO DE PERNAMBUCO ACERCA DE SUA CONGREGAÇÃO, DESDE A SUA EREÇÃO, in *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambuco*, vol. LVII, p. 87. Recife, 1984.

4 GONSALVES DE MELLO, José Antonio. *Obra citada*, pp. 370-371.

5 SESMARIAS DO RIO GRANDE DO NORTE – 1º volume (1600-1614) (1659-1706), p. 117. Mossoró – RN: Fundação Vingt-Un Rosado – Coleção Mossoroense, 2000.

6 _____ . *Obra citada*, p. 233.

7 MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Notas para a História do Rio Grande do Norte*, p. 113. João Pessoa – PB: Editora do Centro Universitário de João Pessoa, 2001.

8 _____ . *Obra citada*, p. 114.

Nossas artes plásticas e o cinema



BOI DE PRATA

CAICÓ - NORDESTE DO BRASIL - TERCEIRO MUNDO - 80

Um filme de AUGUSTO RIBEIRO JÚNIOR

Estudando o relacionamento entre as artes plásticas e o cinema, em artigo ("O cinema e as belas-artistas") publicado na velha revista portuguesa "Filme", Navarro de Andrade lembra que quando o cinema nasceu, os americanos lhe chamaram "motion pictures", expressão que traduzida ao pé da letra significa "pinturas móveis". E, de fato (Navarro de Andrade exemplifica), para a realização duma obra cinematográfica são necessárias faculdades de criação típicas não apenas do Teatro mas também do Desenho, da Arquitetura e da Pintura.

Todo filme clássico, aliás, tem, dentre os membros de sua equipe, um artista plástico responsável pela cenografia. E, neste ponto desta leitura técnica da produção cinematográfica, é que penso apontar os referenciais da arte plástica do Rio Grande do Norte no contexto cinematográfico. Foi um artista criativo como o natalense Marcelo Fernandes (o inventor do lápis de giz de cera multicolorido) que deu sua contribuição, em 1979, como auxiliar de cenografia do filme "Boi de Prata", de Augusto Ribeiro Júnior.

Antes de mencionar um outro interesse de alguns

artistas plásticos nossos - que é o de realizarem filmes -, quero lembrar que o cinema São Pedro, a velha casa exibidora de produções cinematográficas da Rua Amaro Barreto, no Alecrim, e que fora inaugurada na Noite de Natal de 1930, tinha no operador / projecionista de seus filmes um exímio artista, que produzia os cartazes anunciadores dos filmes e que eram exibidos na parede em frente ao cinema, e que era conhecido pelo apelido Ioiô. Às vezes, o bilheteiro do cinema era ele ou o próprio dono da casa, Lauro Medeiros.

Alguns artistas plásticos, como eu disse, se interessaram

Peça no rodízio.
Peça em casa

3217-4704

Bella Natal
Restaurante e Pizzaria
www.bellanatal.com.br

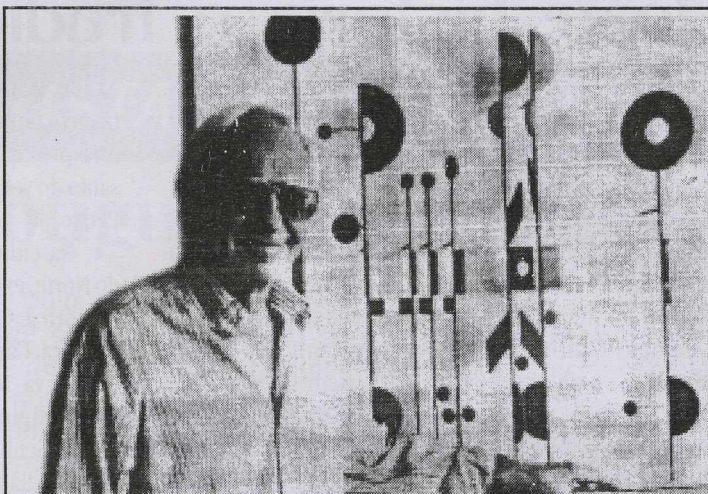
Shopping Cidade Jardim

Pizzas, massas e refrigerantes
Isto sim que é rodízio!

Recorte este anúncio e ganhe
1 refrigerante 500ml no rodízio*

* Válido até 31 de agosto/2005

em realizar filmes: em movimentar as imagens e cores de suas fantasias e conceitos interiores. Já em 1965, Iaperi Araújo, talento múltiplo de pintor, desenhista, escritor (poeta, contista, ensaísta, crítico de arte) e, profissionalmente, médico, trabalhou, junto com o



Abraham Palatnik

diretor de teatro Carlos Furtado, um projeto de um filme para o Instituto Nacional de Cinema, tendo como tema a vida do cangaceiro Jararaca, que morreu no Rio Grande do Norte em 1927, após a derrota de Lampião em Mossoró.

Outro artista norte-riograndense (como Iaperi, ele também é destaque no livro "Artes Plásticas do Rio Grande do Norte", de Dorian Gray Caldas, publicado em 1989) é Eduardo Pinto, que já ocupou o cargo de Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes, da Prefeitura de Natal. Na década 70 do século passado, ele passou um período residindo em Portugal, onde desenvolveu pesquisas com o Grupo Experimental em Setúbal, Algarve, Vila Real e Beja. Realizou então alguns curtas-metragens, que embora portugueses receberam a marca cria-

tiva de um artista norte-riograndense.

De todos os nossos artistas plásticos, o que criou uma técnica mais próxima à do cinema, devido à particularidade do próprio instrumento executor da linguagem, foi o natalense Abraham Palatnik. Dentro da mesma escola cinética de Fiaminghi, Palatnik é no entanto mais avançado que o pintor paulista. Ele foi o "criador do Aparelho Cinecromático que abalou a 1ª Bienal de São Paulo, em 1951" – como foi dito a seu respeito no número especial do jornal cultural "O Galo" a ele dedicado, e que foi publicado em 1997.

Em outros pintores, já que não realizaram filmes, ou não criaram máquinas de projetar luz e cores, como Palatnik, pôde-se observar um interesse temático que flui na mesma

direção do clima imagético cinematográfico. Ao escrever um artigo sobre o pintor (que exerce também a profissão de jornalista) Isaias Ribeiro, carioca de nascimento mas norte-riograndense de vivência, e que em Outubro de 1988 estava mostrando seus trabalhos em uma galeria natalense, eu notara em sua

poética pictórica uma certa semelhança com o expressionismo alemão dos anos 20, de filmes como "Asfalto", de Joe May, e de outros filmes.

A respeito da série de figuras criadas por Marcelus Bob sob o nome "Humanóides", o médico, crítico e poeta Edrisi Fernandes sugeriu, em artigo para o mesmo jornal cultural "O Galo" (Dezembro/98), que "vejam em suas figuras encapuzadas o eco não de uma idade das trevas, mas uma era de sublevação da cor. Por outro lado, a sobriedade, angulosidade e expressividade taciturna de seus rostos, e seus fugidios efeitos de luz e sombra, paradoxalmente evocam os filmes P&B de Georg-Wilhelm Pabst."

Anchieta Fernandes

Agenda julho/2005

Fundação Capitania das Artes

21 - Quinta	Abertura da exposição - Expressões de um Conjunto Inacabado	Galeria da Funcarte	19:00
22 de Julho a 16 de Agosto	Visitação		Das 8h às 18h
23 - Sábado	Apresentação do SPVA - Sociedade dos Poetas Vivos e Afins	Auditório da Capitania das Artes	19:00
27 - Quarta	Artes plásticas Mostra interativa (Proj. Cultura Viva)	E. M. Mário Lira (Sept-Rosado)	10:30
27 - Quarta	Danças potiguares Dança do Espontâneo	Teatro Sandoval Wanderley	19:30
28 - Quinta	Teatro de mamulengos (Projeto Cultura Viva)	E. M. Antônio Campos (Mãe Luiza)	10:30
28 - Quinta	Danças potiguares Dança do Espontâneo (Projeto Cultura Viva)	E. M. José do Patrocínio (Conj. Panorâma)	10:30
28 - Quinta	Quarteto de Clarinetes	E. M. Celestino Pimentel (Cid. da Esperança)	21:00
30 - Sábado	Apresentação do SPVA - Sociedade dos Poetas Vivos e Afins	Auditório da Capitania das Artes	19:00
30 - Sábado	Projeto Independente (Apresentação de Bandas de Rock)	Teatro Sandoval Wanderley	16:59



PREFEITURA DO
NATAL
A NOSSA CIDADE



São João: história e tradição

Conta a fábula que Prometeu, o gênio do fogo, ensinou ao homem o seu uso e, por isso, foi castigado por Júpiter. As dezoito vestais sacerdotisas saídas das maiores famílias de Roma, eram obrigadas a manter o fogo no altar da deusa Vesta, dia e noite e a manterem-se castas durante os trinta anos do seu exercício. Os romanos, por esta época já acendiam fogueiras em louvores.

Muitos foram os povos que, antes da difusão do cristianismo no mundo ocidental, já festejam com fogueiras as glórias obtidas nas guerras, no início do plantio ou da colheita, nas competições esportivas (daí a origem do fogo simbólico) e nas celebrações destinadas aos deuses.

Com fogueira, os povos do norte europeu, castigados pelo frio intenso, comemoravam a chegada do verão, costume esse levado para o império romano no período das invasões.

Tempos depois, o catolicismo passou também a admitir tal prática, e escolheu, entre os santos, João Batista. Isto porque a data do seu nascimento, era a mais próxima da mudança da estação. Narra a tradição popular que seu pai, o sacerdote Zacarias, queimava incenso no templo quando o anjo anunciou-lhe a vinda do filho. Izabel fez uma fogueira para anunciar o nascimento de João Batista a Maria, sua prima, mãe de Jesus.

A prática de festejar os santos mais populares no nordeste do Brasil, (João, Pedro e Antônio), chegaram até nós, trazida pelos portugueses durante a fase de colonização, sendo São João o mais prestigiado, considerado inclusive o padroeiro dos nordestinos.

Sem a mesma força de devoção do

passado, o povo ainda conserva, como ontem, a convicção de Santo Antônio como casamenteiro, São Pedro, chaveiro do céu e muitas outras mantidas pela tradição (...).

Quem era? Como vivia João Batista, filho de Zacarias e Izabel? "Habitava o deserto, vestido de pêlos de camelo, com um cinto de couro ao redor dos ombros, alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre" (Marc.1,6). Bem diferente da

a tudo, transmitida de geração a geração, principalmente no nordeste, em que todo esse prestígio não é igual a nenhum outro santo do velho catolicismo da igreja de São Pedro.

Na cidade de Touros no Rio Grande do Norte, existe uma manifestação popular folclórica. Cíclica, já estudada por Luiz da Câmara Cascudo e Deífilo Gurgel, que conserva todo um ritual de tradição religiosa, que homenageia Nossa Senhora de Santana, São Pedro e São João, sendo este último a referência maior pelo prestígio que goza entre as populações rurais do nordeste.

Estive na casa de Dona Finha, de onde tem início o tradicional festejo na véspera do São João de 2001. Sala bem arrumada, com oratório e trono enfeitado, a imagem do santo ao centro onde os componentes do grupo e o povo prestam-lhes as devidas homenagens. Após estas, sai o cortejo pelas ruas da cidade cantando e dançando, exibindo a tradicional bandeira, ao som de sanfona, triângulo, pandeiro, pipocar de fogos, tudo bem ao estilo das clássicas procissões do período colonial.

Que bandeira é essa/ que vamos levando/ É a de São João/ que vamos festejando.

Festejamos todos/ com muita alegria/ festejar são João/ hoje no seu dia.

Capelinha de melão/ é de São João/ É de cravo, é de rosa/ É de manjericão.

Quem não venera a São João/ não venera ninguém/ ele é nosso pai/ nosso amor nosso bem. (...).desfilando e cantando entram pela madrugada, tomam o tradicional banho de rio e encerram com uma sessão de forró.

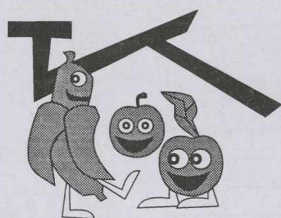
Severino Vicente



imagem feita e apresentada ao povo: um garoto de calça curta e cabelos encaracolados, vestindo um manto de pele, portando uma cruz, uma espécie de mastro, apoiado no ombro esquerdo, no braço esquerdo, prende um carneirinho ao colo, uma fita vermelha no pescoço e a mão segurando a cruz. Dois símbolos de Cristo. A cruz e o cordeiro. Em nada se parece com o João Batista adulto, batizando Jesus no rio Jordão.

Mas, o santo é do povo, que secularmente o venera, numa fé que transcende

A Ki - Tanda



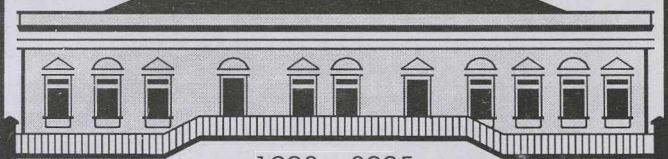
DISKTANDA
3223-3161

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 1429 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161

103anos

A mais antiga
Instituição Cultural do Estado

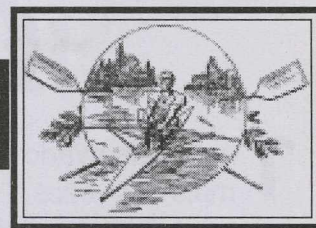


1902 * 2005

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS

Luiz Potiguar Fernandes



Luiz Potiguar de Oliveira Fernandes, desde cedo, acompanhou o desenvolvimento do esporte potiguar em toda a sua plenitude. Com Aníbal Leite Ribeiro, o verdadeiro impulsionador do remo/RN, fundou em 27/2/1916, a Liga Esportiva Natalense, tentando êxito para o futebol que surgia em nossa cidade, tendo sido eleito seu primeiro e único presidente, com Olavo Wanderley, Cincinato Chaves, Cícero Aranha e outros, porém a Liga não vingou e teve vida efêmera.

Com o comte. Monteiro Chaves, Aníbal Leite Ribeiro, Moisés Soares, João Café Filho, Lauro Medeiros e outros, fundou o 3º clube de futebol em Natal – o Centro Sportivo Natalense, e com o ABC e América que já existiam fundou a LDTRN – Liga de Desportos Terrestres, em 28/1/1919, servindo na 1ª. diretoria como orador da entidade que é, atualmente, a Federação Norteriograndense de Futebol – FNF. Foi seu presidente na 2ª. diretoria, no período de 1922/1924, o mesmo ocorrendo na 3ª diretoria com Gentil Ferreira de Souza, Oscar Wanderley e Farche Neto.

No Campeonato Brasileiro de Futebol da 1934, era presidente da Federação e acompanhou a nossa delegação que fez exce-

lente apresentação em todo o Nordeste, tornando-se a 3ª. melhor equipe do Brasil, cognominada de "Fantasmas do Nordeste" pela crônica esportiva da Bahia.



Imensa foi a sua contribuição também para a vida do ABC Futebol Clube, tendo sido um dos seus fundadores, em 29/6/1915, fazendo parte da 1ª, 2ª e 3ª diretoria com João Emílio Freire, Cícero Aranha, Sólon Aranha, José Paes Barreto, Antídio Guerra, Frederico Braga, José Cabral de Macedo e Enéas Reis.

Batalhador incansável pelo esporte potiguar, foi um dos

fundadores do Centro Náutico Potengi, em 3/10/1915, com Aníbal Leite Ribeiro, Júlio Meira e Sá, Aderbal de França, Cícero Aranha e outros. Apesar de excelente remador, não teve muita participação em disputas oficiais foi, no entanto, colaborador de Leite Ribeiro na organização do clube, nas programações de regatas e um incentivador para a participação de atletas femininas no remo potiguar, tendo fundado aquele Departamento em 20/01/1918, participando da regata de 12/5/1918 como "patrão" de uma das ioles.

Antes da fundação das atividades esportivas em Natal, com Monteiro Chaves e Leite Ribeiro, teve destaque convocando moças e rapazes, aos domingos e feriados, para praticarem festivais de jogos desportivos e de lazer, nos descampados da Praça André de Albuquerque e Pedro Velho, para provas de salto em distância e altura, corrida do saco e outros.

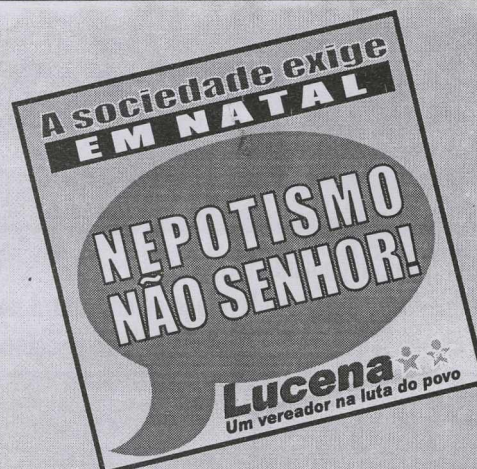
Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, exerceu os cargos de promotor público de Natal, advogado, fiscal federal do imposto de consumo, deputado a constituição estadual / 1915 e chefe de polícia de Natal.

Luiz G. M. Bezerra

Você concorda que os políticos indiquem parentes para o serviço público sem nenhum concurso? Se não concorda procure assinar o projeto de iniciativa popular do vereador Fernando Lucena.

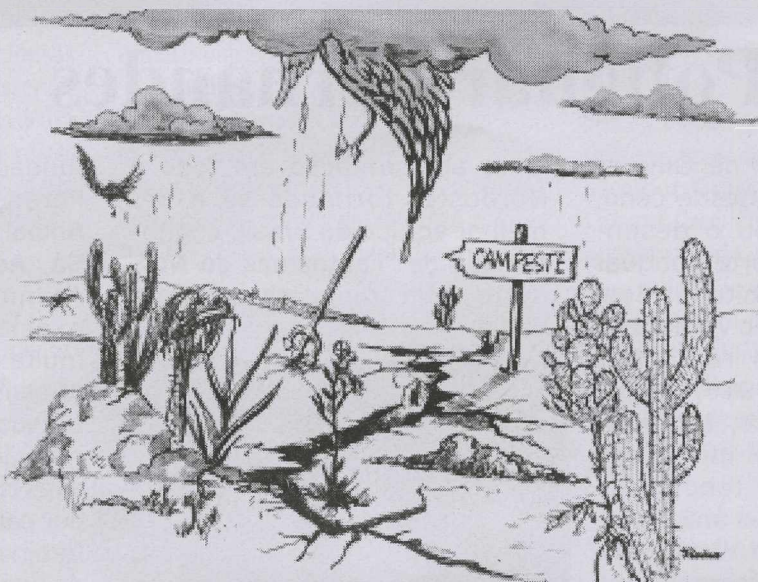
INFORMAÇÕES: 3232-8830

E-mail: vereadorlucena@hotmail.com



Campestre

Tenho observado mais das vezes, nas minhas andanças pelo campo, rasgos de terra esburricada e sem vegetação, circundada por outras com a folhagem verde e bonita bem pertinho assim. Intrigado no assunto, consultei o Louro o porquê da repentina mudança. Foi quando me explicou:



-Isto aconteceu desde o começo do mundo, no tempo em que Nosso Senhor estava no trono. Todos os dias, ele botava um raminho dentro de um copo de água e balançava a cada hora, para cair um pingo que tomava a forma de um anjo. Quando ele precisou descer à terra, para passar quarenta dias - isto, depois da ressurreição, deixou em seu lugar Lúcifer, que nesta época ainda era um anjo de luz. Antes da partida, recomendou:

-Lúcifer, de hora em hora, você pegue este raminho, ponha ele na água e deixe cair um pingo, que um novo anjo nasce para me servir. Quando

Jesus desceu à terra, Lúcifer enfiava o raminho na água, e quanto mais balançava, mais caía anjo. Quando ele viu o milagre disse:

-Jesus só fazia um anjo a cada hora, e eu já estou com mais poder, pois posso fazer centenas deles. E haja anjo! Quando Jesus voltou, o céu estava cheio...

-Pronto Lúcifer, estou retornando e quero o meu trono. Lúcifer respondeu:

-Este trono agora é meu, porque eu já estou com mais poder. Você, de hora em hora faz um anjo e eu a cada hora faço muitos. Foi aí que Jesus foi compelido a dizer:

-Estais condenado para os infernos. Desce com todos os seus anjos! Nossa Senhora, que é muito piedosa pediu:

-Suspenda aí tua sentença, meu filho. E o que aconteceu? Ficaram muitos deles de cabeça para baixo, dependurados e suando. E onde o suor de um anjo da-

quele cai, a terra vira campestre, não prospera nada. Se você fizer uma casa e não tiver aumento naquele canto, pode botar ela abaixo e construir num outro local. Alí, com certeza, tem um anjo pingando suor. Um anjo que está condenado. O nome verdadeiro da terra molhada com o suor do anjo não é campestre e sim CÃO PESTE! Você planta um pau de roça. Muitas vezes o pau é tão bonito, mas não produz nada - apodrece. Onde um anjo daqueles está dependurado, pingando suor, nada prospera, a terra fica estéril. É um CÃO PESTE!

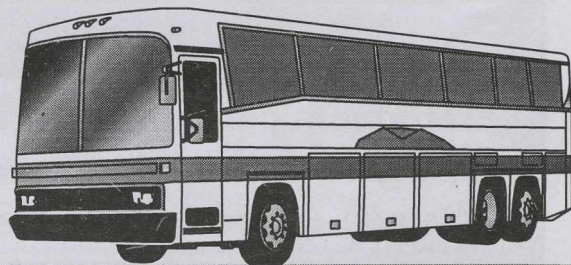
Nilton Bahia

Iglesias

Arquitetura - Imóveis - Turismo

- Projetos, pagamento facilitado
- Iglesias compra, vende, aluga ou administra seu imóvel
- Alugue seu imóvel no verão com lucro e segurança

Rua Pedro da Fonseca, 8989 - Ponta Negra - Natal/RN
Fone: 3236-3635 - Fax: 3219-4000
e-mail: iglesias@eol.com.br



CIDADE DAS DUNAS

APOIA A CULTURA POTIGUAR

Av. Capitão-Mor Gouveia, 847 - Bom Pastor - Natal/RN
Telefax: (84) 3205-3690

Imprudência federal

Chico e o seu jipe. Não primor de carro. Mas, adorável carro! Derradeiro modelo de safra de bons veículos feitos aqui no Nordeste tinha já muitos anos de rodagem, de arrochos em porcas, imprensas em arruelas e limpezas de bronzina e carburador.

Aspecto ruim. Sujo sempre de poeira, quando não de barro, dos atoleiros do Arisco e até mesmo de estrume, quando voltava do sítio. Sim, porque era nele que Chico trazia o leite, batizava-o, e distribuía nas duas padarias da cidade.

Além do jipe, Chico possuía uma casinha boa. Curral, dez cabeças de gado, em média. Vivia sempre ocupado, comprando novas reses, vendendo velhas, enfrentando vida não escrita em gibi de malandro. A vida de Chico, cheia de manhã à noite, tornava-se boa, embora pouco, fosse o dinheiro.

O jipe era sua devoção e característica. Velho, surrado, pronto para levar mulher à maternidade, homem ao hospital, menino ao médico. A cidade inteira lhe conhecia os favores e a bondade. E o horrível relaxamento com o carrão, quase do povo, e que merecia melhores tratamentos, para não dizer até uma substituição. Queridos e lembrados na cidade. Chico e seu jipe, grave instituição municipal passavam pelo mundo, a rigor.

- Ave-Maria que a gente fique sem ele!

Simple, calado, irascível, bom bebedor de aguardente, dono da vacaria e forte personalidade, imbuída no jeitão manso de conduzir as controvérsias.

Esse o Chico!



Pois, lá se vinha ele na BR. Vinha da capital, onde fora a trato de assuntos gerais, ou seja, dar uma geral no carro e outra na estrada. Calibrado, capota ajustada, retentores melhores, parabrisa sem manchas e uma lavagem no Lava-rápido novo do Posto Seis.

Desenvolvia uns cem quilômetros por hora, que aliás não era de seu costume. E sem observar as regras de boa viagem, orgulhoso com a macieza do carro, a limpeza dos bancos, a beleza do mato verde, o cheiro da chuva recente, a pista molhada, escorregadia, com buracos pequenos e antigos. Tudo ali e a vida.

De repente, a Federal!

Policial, em disparada em sua moto, com pose de policial indiscreto, sirene ligada, aproximou-se e, numa guinada brusca, virou à esquerda, obrigando Chico a brecar

com toda a rapidez e alguns reflexos. E jogando cacarecos que trazia no jipe para frente, quebrando alguns, e sem reconhecer o policial, pois afinal, tinha conhecimento com quase todos, esperou.

- Multado, moço. Sem choro.

O senhor se torna monte de problemas, com semelhante velocidade, numa carcaça dessas, num tempo ruim, ameaçando chover.

- Chico olhou-o, pé no freio, ainda se sustentando, e disse:

- Você é um cara de sorte, visse!

- Eu? E por que?

- Porque, se fosse ontem, você tinha se estrepado, todinho, todinho aí na frente. Tava morto, mesmo, visse? Eu só ajetei a porqueira deste freio, hoje, num faz uma hora. Lá na cidade...

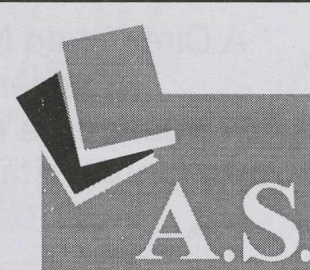
Afrânio Pires Lemos



- GALERIA DE ARTE
- Cd's
- LIVROS
- DISCOS
- INSTRUMENTOS MUSICAIS

SEBO SAMORIM

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN - CEP 59085-120
Fones: 3221.3717 - 9973.9423 - 3206.2790



A.S. LIVROS

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - Natal/RN - Fone: 3206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6
Natal/RN - Fone: 3206-9099

FRUSTRAÇÃO, OPRESSÃO, DESPREZO, ANGÚSTIA

José Marcial Dantas

Fome, miséria, analfabetismo,
orgulham-se os políticos do Brasil!
dominando sempre o nepotismo...
arma mais mortífera que fuzil.

frases de efeito, palavras, promessas!!!
olvidam-se na mente desse povo
dúvidas, descrenças - nada novo!
ansioso progredir sem pressas!

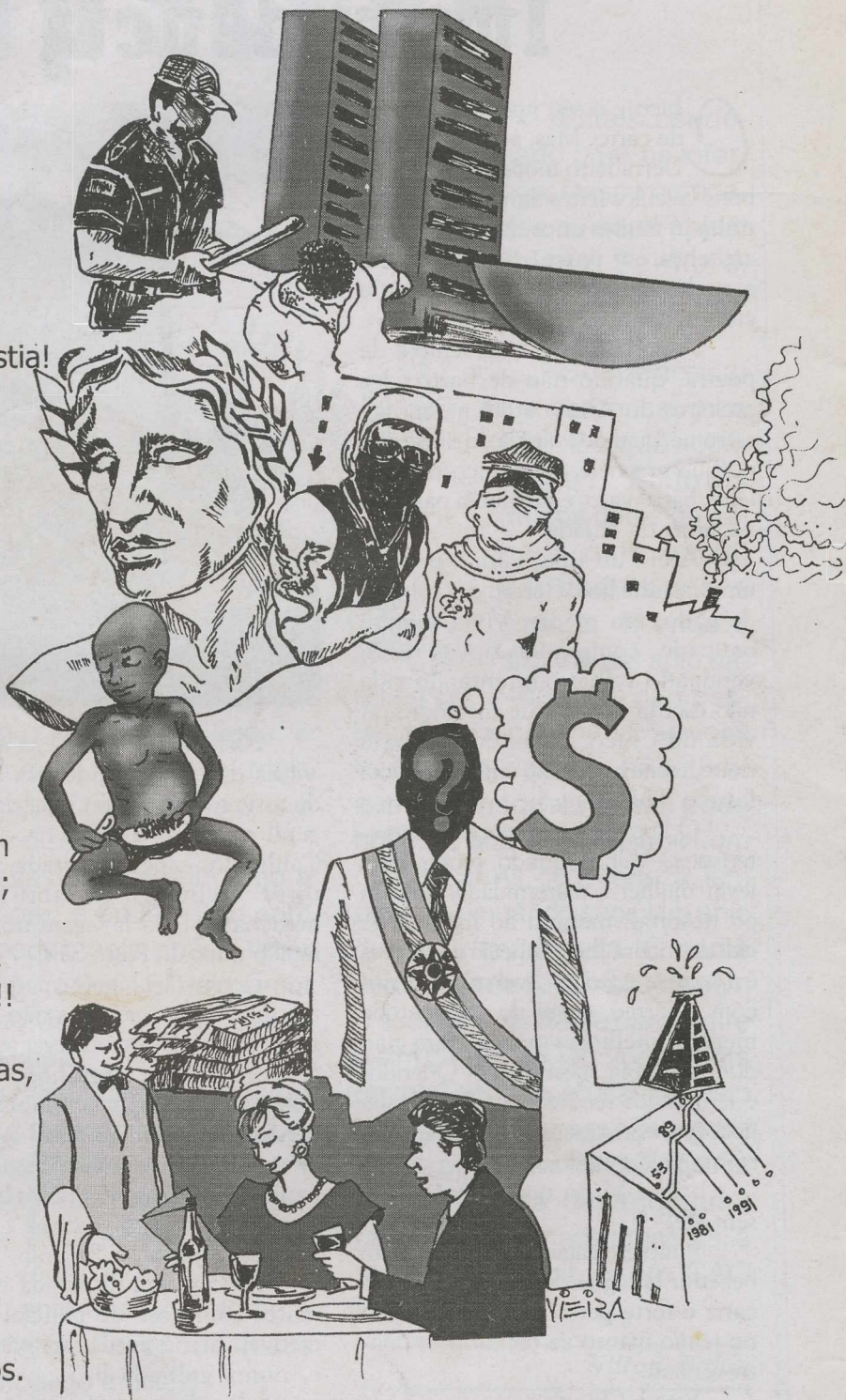
é frustração, opressão, desprezo, angústia!

viver essa esperança inexistente!
obrigam-nos a incutir em nossa mente
truculento e incurável pessimismo
amparado por um forte realismo,
reduto d'uma nação bem decadente.

nada! apenas nada o brasileiro espera!
oprimido por um salário microscópico...
surge em sua vida um quadro utópico...

mesclado de políticos sem escrúpulos,
e quando os cofres públicos se esvaziam
saqueados por desonestos e esdrúxulos;
maculam e massacram nossa gente,
oprimem, humilham, roubam, assaltam,
surrupiam, aniquilam, esfolam, matam!!!

predadores, poluentes, venais e egoístas,
ostentando uma falsa idoneidade.
legislando em seus próprios interesses
ínfimas verdades - grandes sofismas!
traçando lideranças sem carismas;
impugnando os honestos e patriotas;
congratulam-se com adeptos idiotas,
oclófobos asquerosos e tiranos,
sanguessugas, demagogos e desumanos.




GOVERNO DE TODOS
Trabalhando pra valer


FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO


Casa de
Cultura
Popular

A Direção do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN e a
Presidência da Fundação José Augusto
convidam para a exposição itinerante **POPULÁRIO**, do
Grupo Universitário de Aquarela e Pastel - GUAP/UFRN,
nas datas e locais indicados abaixo.

- **Currais Novos:** Casa de Cultura Palácio do Minerador - Abertura: 08/07, às 20h
Visitação: 11 a 29/07
- **Parelhas:** Casa de Cultura Palácio Florêncio Luciano - abertura: 16/09, às 20h
Visitação: 19/09 a 07/10
- **Caicó:** Casa de Cultura Palácio Sobrado do Pe. Brito Guerra - abertura: 14/10, às 20h30m
Visitação: 21/11 a 16/12